

JULIA KELLY

«Uma história terna e intrincada que entrelaça guerra e romance, construída com mestria e carregada de suspense.»

Publishers Weekly

A Luz Sobre Londres

Para mulheres obstinadas e heroicas,
nenhum obstáculo é impossível
de contornar.

TOP
SEL
LER

Para a Anne, a Judy, a Sheila e as minhas duas avós

CARA

Barlow, Gloucestershire, Inglaterra, setembro de 2017

Era da descoberta que Cara mais gostava: vasculhar o esquecido, o imortalizado na memória, o negligenciado e o acarinhado. Descobrir as bugigangas e os tesouros deixados para trás e assegurar-se de que tinham a oportunidade de contar a sua história.

Na Wilson's Antiques & Curiosities, era sua função saber o onde e o quando de cada objeto que entrava na loja. Mas eram o porquê e o quê que mais a intrigavam. Quando respondia a estas perguntas, podia oferecer àqueles bens outrora estimados uma nova vida junto de novos donos.

Quando Cara não conseguia desenterrar a história de uma peça, tecia histórias para si mesma. Era mais fácil do que pensar acerca dos seus próprios erros e dos arrependimentos que transportava consigo. Enquanto trabalhava, podia escapar para o conforto da vida de outra pessoa durante algumas horas.

A gravilha rangeu debaixo dos seus sapatos sem salto, já gastos, quando parou para examinar a casa formidável que se encontrava à sua frente. O Velho Vicariato era uma grandiosa mansão de calcário amarelo típica de Cotswold, que se mantinha imponentemente de pé contra o duplo ataque do clima e do tempo, pontuada por um par de colunas de ambos os lados da porta branca frontal. Uma brisa ligeira agitava a hera que se estendia, ociosa, entre o primeiro e o segundo

pisos. Alguém tinha aberto uma das janelas do terceiro piso, provavelmente na esperança de arejar a casa, que permanecera desocupada desde a morte do seu proprietário, quase seis semanas antes.

A porta da frente abriu-se com um rangido, e o chefe de Cara, Jock Wilson, avançou para o exterior na companhia de uma mulher loura de 40 e poucos anos. Envergando um vestido azul-claro e branco, denotando elegância e suavidade, a mulher contrastava fortemente com o *tweed* rígido e os sapatos de pele engraxados de Jock.

— Menina Hargraves, chegou finalmente — disse Jock.

Cara olhou de relance para o relógio de ouro antigo que a avó lhe havia oferecido quando se formou na Universidade de Barlow, anos antes. Eram 9 horas em ponto, a hora exata a que Jock lhe dissera que chegasse — a menos que tivesse lido mal o e-mail.

Uma explosão de pânico aqueceu-lhe o rosto. Não se podia ter enganado nas horas. Tinha sido muitíssimo cuidadosa desde o seu primeiro dia, dois meses antes. Tinha de ser. Aquele emprego era a sua oportunidade para começar de novo.

— Sra. Leithbridge, esta é a minha assistente, Cara Hargraves. — A mão de Jock fez um gesto varrido como se Cara fosse um bule de Limoges do início do século XIX que estivesse a apresentar a leilão.

Ela engoliu em seco, tentando superar a preocupação, e cruzou as mãos atrás das costas, na esperança de que o gesto transmitisse tanto deferência como arrependimento.

— Os meus pêssames pela sua perda, Sra. Leithbridge.

A cliente dirigiu-lhe um sorriso mínimo, indiferente.

— Obrigada. Prossigamos, então. Tenho uma aula de ténis esta tarde.

Enquanto a mulher se retirava pela porta da frente, com as sandálias de salto alto a bater nos mosaicos do chão, Jock ergueu as sobranceiras a Cara, como se dissesse: *Foi em relação a clientes assim que te avisei.*

— Não consigo perceber como me enganei nas horas — sussurrou Cara, apressadamente, enquanto seguiam a cliente.

— Não chegou tarde, mas também não chegou cedo — disse Jock. Hesitou em avançar.

— O quê?

— É preferível chegar cedo e esperar no carro do que deixar uma cliente à espera. Agora venha.

Cara relaxou os ombros e inspirou fundo para acalmar o ardor da advertência do chefe.

Concentra-te no trabalho. Mostra-lhe o que sabes.

O ar na entrada era frio e seco. Poderia ser perturbador, não fora pelo facto de quase conseguir ouvir os ecos das crianças, há muito crescidas, a raspar pelo chão enquanto corriam velozes, na sua ânsia de brincar no exterior. Não era difícil imaginar antigos proprietários orgulhosos, parados junto às enormes portas brancas enquanto saudavam os amigos com dois beijos e um sorriso caloroso.

Esta era a casa de alguém, não era apenas um trabalho, recordou a si mesma, fitando os painéis verde-claros que subiam cerca de um terço da parede antes de darem lugar a um familiar papel de parede de arrojadas folhas de acanto sobre um pano de fundo azul-escuro. De imediato, a sua mente percorreu a categorização que Jock lhe ensinara.

William Morris. Britânico. Meados de 1870.

Quando começara a trabalhar na Wilson's Antiques & Curiosities, então uma aluna de 18 anos, Cara pensara que teria uma vantagem natural por ter crescido rodeada de antiguidades, tanto em casa dos pais como dos avós. Mas Jock fora rápido a mostrar-lhe o pouco que sabia. Agora que estava de volta, mais de uma década depois, ele deixara bem claro que esperava que ela se tornasse tão conhecedora quanto ele em pouco tempo. Isso significava que o tempo que não passava a visitar a avó, num lar próximo, era ocupado a ler acerca dos estilos de mobiliário que tinha mais probabilidade de encontrar no trabalho. Mas, estando ao lado dele na primeira visita à casa de uma cliente, reconheceu o papel de parede Morris sem recorrer à muleta que eram os seus livros, as suas notas e as suas pesquisas no *Google*. Ela era capaz.

— O seu irmão referiu ao telefone que a sua tia-avó era colecionadora — disse Jock.

A Sra. Leithbridge ergueu um ombro.

— A minha tia-avó Lenora era como um hámster. A casa está toda cheia de tralha.

— Menina Hargraves, vê alguma coisa de interesse nesta divisão? — Jock dirigiu um sorriso tenso à Sra. Leithbridge. — A menina Hargraves está, neste momento, em formação, depois de ter passado algum tempo longe do comércio de antiguidades.

— Estou a ver — disse a Sra. Leithbridge, como se aquilo não lhe pudesse interessar menos.

Determinada a não ser intimidada pelo seu chefe ou pela cliente apática, o olhar de Cara pousou num pequeno banco empurrado contra a parede ao lado da porta da frente. O seu acabamento estava gasto nos pontos em que um sem-número de pessoas parara para calçar as galochas ou prender a trela ao cão ao longo dos anos. Nada teria de invulgar, não fora pelas costas e pernas, que estavam gravadas num intrincado padrão geométrico.

— Aquele banco de carvalho — disse, apontando.

— Movimento? — lançou-lhe Jock.

— Arts & Crafts, provavelmente construído em meados do século XIX.

— Americano ou britânico?

Ela aproximou-se da peça e deslizou uma mão pelas costas, sentindo a suavidade das juntas que o mantinham unido sem a ajuda de pregos.

— A madeira está em boas condições, mas tem algumas mossas e cortes. O acabamento é razoável.

— Então e o país de origem, menina Hargraves? — insistiu Jock, a sua formalidade fazendo-a sentir-se como se estivesse de volta à escola secundária.

Ela observou intensamente o banco. O mais provável era que fosse britânico, mas as pessoas viajavam, e os colecionadores compravam no estrangeiro.

— Sem procurar a marca do criador, não posso afirmar com segurança — acabou por dizer.

— Tem a certeza de que não quer arriscar um palpite? — perguntou Jock.

— Sim.

O chefe dirigiu-lhe um pequeno aceno de cabeça.

— Muito bem. É melhor ter certezas do que pôr-se a adivinhar.

— Isto é tudo fascinante, decerto, mas vale alguma coisa? — perguntou a Sra. Leithbridge.

— Para o comprador certo, tudo tem valor, mas esperemos que haja peças em melhor estado — disse Jock. — Talvez nos possa mostrar a sala de estar?

— Por aqui — disse a Sra. Leithbridge, guiando-os com um aceno de mão.

Começamos sempre pela sala de estar, dissera Jock quando instruíra Cara no dia anterior. *É onde as pessoas mostram o que têm de melhor. E lembre-se: M-P-Q/P-V-L.*

Esses eram os dois princípios do seu negócio. Mobiliário, prata, quadros. Procurar, vender, lucrar. M-P-Q/P-V-L.

No entanto, para Cara, era mais do que isso. Quando estava na faculdade, a Wilson's fora uma espécie de abrigo, um local onde se podia perder no passado. Tinha catalogado metodicamente cada artigo do armazém, sentia-se participante, testemunha e confessora de pequenos episódios da vida de outras pessoas. Agora, passados 13 anos, tinha, por fim, a oportunidade de vislumbrar uma imagem mais geral da ligação entre antiguidade e proprietário.

Jock estacou à porta da sala de estar, quase levando Cara a chocar contra ele. Mas depois Cara viu o que o mantivera preso ao chão. A sala estava atulhada de peças de mobiliário, com pequenos corredores a serpentear ao longo do enorme tapete de lã e seda feito à mão. Havia pelo menos cinco louceiros naquele espaço, incluindo dois que tinham sido colocados junto às costas de um conjunto de sofás arredondados. Um grande relógio de sala de estilo gótico emitia o seu tiquetaque a um canto, e havia quadros pintados em estilo vitoriano pendurados em quase todos os centímetros das paredes pintadas de vermelho-escuro, enquanto uma confusão de fotografias, jarras, pratos de rebuçados e outras curiosidades cobriam quase todas as superfícies. No entanto, foi o monstro de madeira e vidro na parede oposta à enorme lareira de tijolo que chamou a atenção de Cara.

— Aquilo é...?

— Um Collinson & Lock — terminou Jock.

Aproximaram-se cuidadosamente da peça, como se se tratasse de um animal assustado, que pudesse fugir a qualquer momento. Com hesitação, Cara deslizou os dedos pelo limite da cornija pontuada por um padrão de volutas brancas.

— É pau-rosa, e os embutidos são de marfim. O sombreado está lá — disse, sentindo-se grata por ter lido acerca do fabricante de mobiliário Collinson & Lock nesse mesmo fim de semana.

— Muito bem, menina Hargraves. As portas da frente em vidro são também uma característica fundamental dos fabricantes. Mas não teremos a confirmação enquanto não encontrarmos o selo. — Abriu a porta central e inclinou, com gestos exagerados, o pescoço para olhar para o interior. — Não está aqui. Importa-se de ver por baixo? Hoje doem-me os joelhos.

Os joelhos de Jock pareciam estar a dar-lhe bastantes problemas desde que regressara, o que significava que tinha de ser ela a agachar-se e curvar-se na loja. Ainda assim, Cara ajoelhou-se no chão e contorceu-se para olhar para a base não trabalhada do nível inferior do armário.

Mudando de posição para retirar a lanterna do bolso de trás, acendeu-a com um clique e iluminou as palavras «Collinson & Lock».

— Está aqui — anunciou, libertando a cabeça. — Número de série 4692.

— O que é? — perguntou a Sra. Leithbridge, enquanto Jock apontava os números num pequeno bloco de notas de capa de pele que mantinha no bolso do peito.

— Uma peça muito bela, e uma boa indicação do gosto da sua tia-avó. Talvez fosse melhor cancelar a aula de ténis — disse Jock, com um sorriso radioso. — Temos muito trabalho pela frente.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Cara e Jock estavam na sala de jantar a separar as porcelanas da falecida Lenora Robinson quando o telemóvel de Cara tocou.

Jock, que tinha estado a examinar um açucareiro Adams que desconfiava ser da década de 1850, dirigiu-lhe um olhar fulminante.

— Menina Hargraves, importa-se de desligar essa coisa infernal?

Por reflexo, apertou com mais força a pesada pilha de 18 pratos de sobremesa que estava a tirar da despensa.

— Peço desculpa.

Avançou lentamente até à mesa de jantar para pousar os pratos, enquanto o telemóvel voltava a tocar.

— Menina Hargraves — repetiu o chefe, cruzando os braços.

Ela tirou o telemóvel do bolso de trás, sentindo um aperto no estômago quando viu a fotografia de Simon no ecrã.

— Vai atendê-lo ou fica só a olhar? — perguntou Jock.

Ela limpou a garganta.

— É o meu ex-marido.

— Então sugiro que atenda essa chamada tão pessoal noutra lugar. Bem longe.

— Sim, claro. — Saiu apressadamente e atendeu a chamada quando chegou ao corredor. — O que foi, Simon?

A voz dele, tão educada quanto crítica, encheu-lhe o ouvido.

— Porque estás a sussurrar?

Ela subiu um lanço de escadas que deveria, outrora, ter servido para os criados da casa.

— Porque estou a trabalhar.

— Com o proprietário antiquado da loja de antiguidades? — Ele riu-se.

— Sim, e o Jock precisa de mim, por isso, se me pudesses dizer por que razão telefonaste...

Olhando à sua volta à procura da Sra. Leithbridge, deslizou para a primeira divisão que conseguiu encontrar, fazendo levantar uma nuvem de pó que redemoinhou na luz de uma janela solitária. Quando fechou a porta, um velho e gasto roupeiro com espelho abriu-se, rangendo.

— Vá lá, não estás propriamente a meio de uma cirurgia — disse ele.

Deus nos livre de que ele achasse que o trabalho dela era importante.

— Devias voltar para os eventos — continuou ele, o seu tom autoritário e *snob*. — Tenho a certeza de que o teu antigo chefe arranjará um lugar para ti, ou podias abrir a tua própria empresa. Assim poderias ganhar dinheiro a sério.

Claro que Simon não achava que trabalhar para Jock fosse *suficientemente bom*, e irritava-a que, embora já estivessem divorciados, ele continuasse a achar que a sua opinião devia ser importante.

— Simon, odiei trabalhar em eventos e devia ter saído muito antes de o ter feito.

— E suponho que a culpa seja minha — disse, a voz tornando-se mais cortante.

— Por acaso, em parte, é.

De imediato, a jactância arrogante de Simon abandonou-o.

— Desculpa, Cara. Estraguei tudo. Vou arranjar ajuda, só que...

Ela fechou os olhos com força, esperando pela chegada da onda de culpa. Mas já tinha passado tempo suficiente para que não se abatesse sobre ela, beijando-lhe antes os pés. Já tinham percorrido aquele caminho. Inicialmente, quando ela lhe dissera que queria o divórcio, tinha prometido que iria procurar ajuda, mas nunca o fizera. Cara precisara de um período considerável com o seu psicólogo para compreender que os seus ombros não eram suficientemente largos para carregar todo o peso do narcisismo, da insegurança e do vício do marido.

— Porque telefonaste? — perguntou.

Ele pigarreou.

— Foi-me enviada uma conta por engano. Dizia respeito ao armazém dos teus pais.

Cara apoiou-se na parede, a recordação do telefonema tardio deixando-a sem fôlego. Tinha sido um agente da polícia que a informara, com uma frieza notável, que um condutor sob o efeito de álcool, num *Range Rover*, chocara contra os seus pais numa estrada rural de uma só faixa. Estavam a ser levados para um hospital em Cúmbria. Ela não tinha conseguido chegar a tempo de se despedir.

— Ao que parece, o arrendamento anual era pago com a nossa conta conjunta. Como a fechámos, foi recusado — continuou Simon, sem se aperceber, ou não querendo saber, de como as suas palavras a atingiam.

— Por favor, manda-a para a minha nova morada. Eu trato disso — disse ela, a voz a ceder um pouco.

— Devias limpá-lo e vender tudo. Já morreram há quase dois anos, Cara. Tens de parar de gastar dinheiro com isto.

O seu menosprezo insensível pela maneira como ela escolhera fazer o luto da morte dos pais poderia, outrora, ter-lhe parecido uma bofetada. Agora, inundava-a apenas de uma tristeza profunda, que lhe feria a alma.

— Manda-me a conta. Eu trato de tudo.

— Só estou a tentar ajudar — disse ele.

— Não, Simon, não estás, e espero que um dia o percebas. — Deslizou o dedo pelo ecrã para pôr fim à chamada. As suas amigas divorciadas tinham-lhe dito que, por vezes, se sentiam tão furiosas com os ex-maridos que queriam gritar, mas ela sentia-se apenas cansada até à medula. Quase não se conseguia lembrar do porquê de se ter apaixonado por ele tantos anos antes.

Guardou o telemóvel, determinada a concentrar-se no que quer que Jock lhe dissesse para fazer, mas antes que pudesse fazê-lo, um cintilar dourado, vindo do interior do roupeiro com espelho parcialmente aberto, chamou-lhe a atenção. Avançou para fechar a porta que se abria, mas hesitou. A tia-avó Lenora revelara-se astuta na sua capacidade para esconder coisas em nichos e fendas. Quem sabe o que teria guardado ali dentro?

As velhas dobradiças gemeram, em protesto, quando ela abriu mais a porta. Comparado com a tralha que enchia a casa, as prateleiras estavam decepcionantemente vazias. O brilho dourado revelou ser um espelho de mão com uma flor-de-lis elaborada na parte de trás, e ao seu lado estava um antigo tabuleiro de *Scrabble* ao qual pareciam faltar pelo menos duas dúzias de letras.

Não se sentindo particularmente esperançosa, virou a atenção para as duas gavetas no fundo. Na primeira não encontrou nada além de

um par de traças mortas. No entanto, quando abriu a segunda gaveta, viu uma lata de biscoitos moldada para se parecer com uma prateleira de livros em pé. Já vira latas como aquela, cheias de botões e outros materiais desgarrados, na casa da avó, quando era pequena. Se tivesse de avançar com um palpite, indo contra os desejos de Jock, diria que era da década de 1940, talvez do início da década de 1950.

Ajoelhando-se no chão, deslizou as unhas curtas por baixo do topo para o fazer oscilar para trás e para a frente. Foi um trabalho lento, mas, por fim, o fino metal cedeu. O seu coração acelerou perante o que viu. Por cima estava um pequeno e grosso bloco de notas encadernado com cartão forrado a tecido vermelho e preso com um elástico. Quando tentou abri-lo, o elástico desfez-se nas suas mãos.

— Raios! — praguejou baixinho. Provavelmente devia ter pousado o bloco de notas, mas o mal já estava feito.

A primeira página estava em branco, mas a segunda estava preenchida com uma escrita espiralada, numa tinta azul desvanecida. A data, no cimo, indicava «14 de outubro de 1940».

As bombas voltaram a cair ontem à noite. Tinha acabado de adormecer quando começaram as explosões. Pareciam tão próximas que pensei que o teto poderia ceder. O meu pai diz que os alemães lançaram seis bombas sobre a RAF¹ em Saint Eval. Ainda não sabemos a extensão dos danos sofridos.

Suponho que seja por isso que estou a escrever este diário. O meu pai já me vem dizendo há uma eternidade que eu devia manter um registo da guerra e do que me acontece.

Ainda na semana passada a minha mãe se mostrou horrorizada com a ideia:

— *Vai escrever sobre o quê? O trabalho dela na loja da Sra. Bakeford?*

Bem, aconteceu alguma coisa e tenho de escrever acerca dela, nem que seja só para irritar a minha mãe.

¹ Royal Air Force, a Força Aérea Britânica. [N. T.]

Tratava-se de um diário. Um diário da Segunda Guerra Mundial. Cara saltou cerca de uma dúzia de páginas.

21 de fevereiro de 1941

Durante meses senti que nada tinha para registar nestas páginas. Tudo permanecia igual, mas agora as coisas estão diferentes. Agora pareço incapaz de parar de escrever.

Ontem à tarde, o Paul levou-me ao cinema em Newquay para vermos o Freedom Radio. Disse à minha mãe que estava com a Kate a fazer meias para ajudar no esforço de guerra, mas, em vez disso, corri para a paragem de autocarro para esperar por ele. Ele foi um perfeito cavaleiro, comprando-me o bilhete e ajudando-me a encontrar um lugar para me sentar. Chegámos ao cinema precisamente quando o filme ia começar, e, mal surgiu o título, ele agarrou a minha mão e não a voltou a largar até ao final do filme. Acho que não prestei atenção a nada do que o Clive Brook e a Diana Wynyard estavam a dizer no ecrã!

24 de fevereiro de 1941

Dois dias até poder voltar a ver o Paul.

Nunca pensei ser o tipo de rapariga que ficasse tão caidinha por um homem, mas ainda hoje, na loja, deixei cair um jarro de vidro com beterrabas cozidas. Por um qualquer milagre, não se partiu, mas a Sra. Bakeford repreendeu-me por ter a cabeça nas nuvens. Queria dizer-lhe que não era a minha cabeça, mas o meu coração.

Com um sorriso, Cara folheou mais para a frente, abrindo numa secção aleatória a meio do bloco de notas.

25 de setembro de 1941

Despedi-me do Paul esta manhã. Ele tentou convencer-me a ficar na cama, mas eu disse-lhe que isso seria deserção.

Cara folheou o resto do diário, procurando descobrir até onde iria. A escrita terminava abruptamente numa linha solitária.

5 de janeiro de 1942

Terminou tudo. Pensava que o amava.

A culpa assaltou-a quando fechou a capa, mas, sentada com a mão ainda a tocar no diário repleto com os pensamentos mais íntimos de outra mulher, não podia negar a sua curiosidade. Quem era Paul e o que acontecera? Porque estaria tudo terminado, aparentemente passado menos de um ano? E a quem pertenceria aquele diário?

Quando virou para o chão o resto do conteúdo da lata, viu uma bússola minúscula com uma ponta amolgada, um medalhão, uma fotografia, alguns pedaços de papel e uma tira de pano. O pano era fácil de identificar: um lenço de homem, simples e prático, com um «P» bordado num dos cantos. Um dos papéis era de uma luminosa cor de coral e estava seco do tempo. Virou-o. Um bilhete de cinema para o Paramount Theatre, em Newquay, datado de 20 de fevereiro de 1941, a véspera de uma das entradas do diário que havia lido.

Pousou o bilhete e examinou os outros pedaços de papel. Um pequeno folheto com um canto rasgado que anunciava uma espécie de baile de São Valentim no salão da aldeia no dia 14 de fevereiro. Um bilhete de metro não usado para a linha Central.

Em seguida, pegou na fotografia. Uma mulher fardada olhava por cima do ombro, com a mão erguida para a boina que se empoleirava sobre o cabelo cortado à tigela e penteado para trás. O seu sorriso era luminoso e brilhante, como se o fotógrafo a tivesse apanhado num momento de pura alegria.

Mas não foi isso que chamou a atenção de Cara. Foi o uniforme — já o vira antes. A sua avó recebera um igual quando se juntara ao ATS²,

² Auxiliary Territorial Service (Serviço Territorial Auxiliar), ramo feminino do Exército Britânico durante a Segunda Guerra Mundial. [N. T.]

em 1943, e Cara reconheceu-o das duas fotografias que a avó tinha na sua sala de estar. Uma era o retrato formal de Iris Warren, tirado no primeiro dia de licença do ramo auxiliar das mulheres no Exército. Na outra, estava na companhia de outras quatro raparigas fardadas, todas elas de mãos dadas e a sorrir.

— Conheci o teu avô num baile da NAAFI³ — explicara-lhe a avó certa vez. — De tantos em tantos meses, era preparado algo oficial nas cantinas, com uma banda tão boa quanto fosse possível encontrar, mas o mais frequente era dançarmos ao som de um gramofone. Os americanos tinham trazido consigo o *jitterbug*, e andávamos todos loucos por ele.

» O teu avô era um soldado do Exército Americano, com o cabelo curto e um uniforme apumado. Fez o melhor que pôde para me cortejar, com chocolates e a promessa de meias de vidro.

Mas as reminiscências da avó ficavam por aí. Da última vez que Cara lhe tentara perguntar acerca da guerra, quanto tinha apenas 16 anos, a avó fechara-se abruptamente em copas e fora deitar-se, alegando ter uma enxaqueca. A mãe ralhara-lhe, dizendo:

— Há coisas de que a tua avó não quer falar. Não insistas com ela, Cara.

Deslizou o dedo pelo maxilar forte da mulher antes de virar a fotografia. Na parte de trás, com uma letra diferente da do diário, alguém escrevera «L. K. no Embankment».

Pousando a fotografia, pegou no simples medalhão de ouro com a forma de um coração e deslizou a unha do polegar para o abrir. De um lado estava vazio, mas do outro guardava a fotografia minúscula de um belo homem com um casaco de aviador com lã na lapela e um par de óculos no cimo da cabeça. Um piloto.

— Menina Hargraves! — Ouviu Jock gritar, algures no piso de baixo.

Rapidamente, reuniu as coisas na lata e correu à procura de Jock, encontrando-o no escritório com a Sra. Leithbridge.

³ Navy, Army and Air Force Institutes (Institutos da Marinha, do Exército e da Força Aérea, criados pelo governo britânico para gerir estabelecimentos recreativos e vender bens aos militares e às suas famílias). [N. T.]

— O que traz aí? — perguntou, com uma sobrancelha erguida.

— Não tenho a certeza. — Ela pousou a lata em cima de uma mesa.

— Sra. Leithbridge, a sua tia-avó serviu no ATS durante a Segunda Guerra Mundial?

A mulher ergueu as sobrancelhas.

— Não sei o que é o ATS.

— Era o ramo das mulheres que dava apoio ao Exército. — Quando Jock olhou para ela por cima dos óculos, Cara acrescentou: — A minha avó serviu.

— A tia-avó Lenora costumava papaguear acerca de ter sido uma condutora de ambulâncias voluntária, em Londres, durante o *Blitz*. — Batendo os saltos, a Sra. Leithbridge levantou-se e aproximou-se de uma secretária perto de um par de janelas altas de guilhotina. A mão agitou-se no ar, antes de pegar numa das fotografias que sobre ela se alinhavam. — Aqui está.

Não havia qualquer possibilidade de que a mulher que fitava Cara fosse a mesma que envergava o uniforme do Serviço Territorial Auxiliar. Mesmo a preto-e-branco, era fácil ver que as feições de Lenora Robinson tinham ângulos apertados, as maçãs do rosto eram proeminentes, o nariz fino e pequeno, e que em nada se pareciam com as feições jovens e o maxilar forte de L. K. no Embankment.

Ainda assim, a tia-avó da Sra. Leithbridge partilhava uma primeira inicial com a inscrição na parte de trás da fotografia.

Cara abriu a lata e retirou-a do seu interior.

— Tem a certeza de que esta não é ela? Atrás lê-se «L. K.». Talvez tenha sido tirada antes do casamento. Qual era o seu nome de solteira?

A Sra. Leithbridge quase não olhou para a fotografia.

— A tia-avó Lenora nunca adotou o nome do marido. Era muito moderna, na verdade.

— Oh. — Cara olhou de relance para Jock. — Também havia um diário.

— Há um mercado para parafernália e diários da Segunda Guerra Mundial, mas como não parece ter sido a Sra. Robinson a escrevê-lo, teríamos de o autenticar e identificar o autor — disse Jock.

— Tenho um agente imobiliário que virá ver a casa dentro de duas semanas. Tudo o que não puder ser vendido será transportado por uma empresa de recolha de monos — disse a Sra. Leithbridge.

— Mas não devíamos fazer algo com ele? — perguntou Cara, erguendo o diário. — Talvez devolvê-lo à mulher que o escreveu?

— Onde o encontrou? — perguntou Jock.

— Num roupeiro, num pequeno quarto ao cimo das escadas dos fundos.

— O quarteco? — A Sra. Leithbridge riu-se. — Há anos que ninguém lá entra. Deite-o fora.

— Não! — O calor invadiu o rosto de Cara quando dois pares de olhos a fitaram, mas recusou-se a afastar o olhar. Sentia-se estranhamente protegida pelo diário, atraída pela felicidade e dor que ali lera, e estava agora mais determinada do que nunca a obter as respostas de que necessitava da avó acerca da sua história.

— Gostaria de ficar com ele e tentar descobrir a quem pertenceu. — Cara fez uma pausa. — Se não se importar.

— Não quero saber — disse a Sra. Leithbridge. — Estarei na sala de estar, se precisarem de mim.

Quando ficaram a sós, Jock lançou um olhar firme a Cara.

— Menina Hargraves, não discutimos com os nossos clientes.

— Ela queria deitá-lo fora — protestou Cara.

— E estava no seu direito. A Sra. Leithbridge pode levar tudo isto para o jardim e pegar-lhe fogo se quiser, mas eu preferia tentar convencê-la a vender tudo e receber a minha comissão. Se a minha assistente não a censurasse, seria uma ajuda.

— A sério que não está nem um bocadinho curioso acerca de quem o escreveu?

— Tendo em consideração que estou a trabalhar e a usar o tempo valioso da minha cliente, estou bem mais interessado nesta caixa de escrita — disse, apontando para uma secretária vitoriana de colo, de senhora, que se encontrava aberta sobre a mesa. — Ou todo um conjunto de coisas que realmente nos trarão lucro. Não se esqueça, M-P-Q/P-V-L, menina Hargraves.

Ela endireitou os ombros, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Jock suspirou, tirou os óculos e limpou-os com um lenço que tinha no bolso.

— Se isso ajudar a que pare de olhar para mim como se eu fosse um filisteu a tentar destruir a história, pode levar o diário para casa. Vá guardá-lo, mas despache-se a voltar. Este trabalho está a revelar-se mais moroso do que o esperado.

Cara manteve a cabeça baixa enquanto corria para o carro, mas não conseguiu impedir que um pequeno sorriso lhe tocasse os lábios. Ela e a avó iam ter bastante de que falar depois do trabalho.

LOUISE

Haybourne, Cornualha, fevereiro de 1941

A campainha por cima da porta da loja tilintou e Louise ergueu o olhar, deparando com um guarda-chuva a pingar com o emblema da Bakeford's Grocery & Fine Foods. Este baixou-se repentinamente, revelando a Sra. Moss, que sacudiu as gotículas de água pelo chão que Louise tinha estado a limpar uma hora antes, numa desesperada tentativa de fazer alguma coisa.

— Boa tarde, Sra. Moss — disse Louise, enquanto afastava para o lado o livro-razão em que estivera a trabalhar.

— Mas que tempestade, querida. Ainda agora estava a dizer ao Sr. Moss que será de espantar se não formos varridos pela corrente um destes dias — disse a mulher do solicitador da aldeia, tocando no seu pequeno chapéu roxo pousado numa nuvem de densos caracóis castanhos que Louise sabia serem lavados e penteados no salão de beleza de Newquay uma vez por semana.

— De certeza que está a afastar a maioria dos nossos clientes hoje — disse Louise. — Em que posso ajudá-la?

— Meio quilo de açúcar e meio quilo de bacon, por favor — disse a Sra. Moss.

— Tem as suas senhas de racionamento? — perguntou Louise.

— Sim, claro. — A senhora abriu a mala e retirou do interior três pequenos livros de senhas. — Aqui tem.

Movendo-se metodicamente, Louise procurou as senhas do açúcar e começou a destacá-las.

— Na realidade, este racionamento tornou-se ridículo, não acha? — disse a Sra. Moss, estalando a língua enquanto o olhar percorria a loja. — Como se não bastasse depois da Grande Guerra. O que virá a seguir?

Louise sabia que a Sra. Moss ficaria igualmente feliz com ou sem uma resposta da sua parte, pelo que se concentrou em pesar o açúcar na robusta balança de ferro com uma precisão absoluta que se tornara habitual para si desde que o Ministério da Alimentação instituíra o racionamento no ano anterior.

— E pensar que chamaram a isto Guerra Falsa. Bem, não foi assim tão falsa, depois de Dunquerque. — A Sra. Moss cruzou os braços por cima da mala e acenou para si mesma. — Recebemos mais uma carta do Gary. Ele fala de si.

— De mim? — perguntou ela, mantendo os olhos baixos, enquanto guardava o açúcar num saco de papel pardo.

— Ele não sabe quando terá a sua próxima licença. Disse-lhe que devia ter-se alistado na Marinha, mas ele só queria fazer parte do Exército.

» Já há muito tempo que trata das contas da loja? — perguntou a Sra. Moss, fazendo uma das suas abruptas mudanças de conversa.

Louise levantou os olhos e viu que a mulher fitava o livro-razão abandonado.

— Sim, quando a Sra. Bakeford me contratou, referi que era boa a matemática na escola. Ela pediu-me para tomar conta dos livros todas as semanas.

A Sra. Moss acenou com a cabeça num ato de aprovação.

— Isso será bom para si quando for casada. As contas da casa são o segredo de uma casa bem gerida, é o que sempre digo.

Louise estremeceu e rezou para que a senhora não comesse com a sua pouco subtil campanha de questões e insinuações em relação a Gary. Vizinhos separados por poucas ruas, tinham crescido a brincar juntos, mas, ainda que fosse um homem gentil, não deixava de ser

Gary. Não tinha maior ambição do que regressar da guerra, estudar Direito e ir trabalhar para o pai, tal como lhe tinha sido dito, desde o berço, que deveria fazer. Gary viveria em Haybourne para o resto da sua vida, um homem aborrecido e previsível, adequado a uma aldeia aborrecida e previsível. Não era essa a vida por que Louise ansiava — não que soubesse exatamente o que queria.

Na esperança de apressar a Sra. Moss e as suas insinuações para fora da loja tão depressa quanto possível, começou a contar as senhas do bacon. Os dois primeiros livros de rações não foram problema, mas quando passou para a parte onde deveriam estar as senhas do bacon no terceiro livro de rações, não havia lá nenhuma.

— Desculpe, Sra. Moss, mas quanto bacon queria?

A Sra. Moss mexeu num pedaço de fio que pendia do punho da blusa que surgia por baixo do casaco.

— Meio quilo, por favor.

— Lamento, Sra. Moss — disse Louise lentamente —, mas não tem o número de senhas suficiente. Só lhe posso dar 250 gramas, com estas senhas.

Algo se acendeu nos olhos da Sra. Moss quando ela os baixou para as senhas, mas, com igual rapidez, exibiu um brilhante sorriso que mostrava todas as fissuras em redor da boca onde o batom se instalara.

— Não pode ignorar as regras desta vez?

Louise fechou os livros de racionamento e deslizou-os de novo para a Sra. Moss.

— Lamento, mas não posso fazer isso.

— *Desculpe?*

O tom cortante na voz da Sra. Moss fez Louise endireitar-se, ao mesmo tempo que pousava as mãos na bancada para as impedir de tremer.

— A Sra. Bakeford é muito rígida, porque as multas são muito altas.

— Louise Keene, a sua mãe...

A porta abriu-se subitamente e uma figura envolta numa brilhante gabardina amarela com um chapéu a condizer entrou de rompante.

— Um lindo dia para um passeio, querida!

Era Kate. Louise sentia-se capaz de sair a correr e beijar a prima, com as roupas molhadas e tudo.

— Oh! — Kate sobressaltou-se quando tirou o chapéu. — Não me tinha apercebido de que tinhas uma cliente. Como vai, Sra. Moss?

— Muito bem — fungou a Sra. Moss. — O meu açúcar, por favor, Louise.

— Também quer os 250 gramas de bacon? — perguntou Louise.

— Só o açúcar.

Mordendo o lábio, embrulhou o açúcar numa segunda folha de papel encerado, para o proteger da chuva, e entregou-o. A Sra. Moss colocou-o no saco das compras, entreabriu o guarda-chuva e abriu a porta à tempestade.

Uma rajada de vento entrou e fez bater a porta com força suficiente para abanar a montra da loja. Kate correu até ela e fechou-a. Afastando o cabelo do rosto, riu-se.

— O que é que deixou a Sra. Moss com uma expressão tão irritada no rosto?

— Kate... — Louise sabia que o tom de censura na sua voz entraria em ouvidos moucos. Era sempre assim no que dizia respeito à sua prima. Alegre, fervilhante e um bocadinho glamorosa, era impossível alguém ficar zangado com Kate. Desde que Louise se lembrava, Kate tinha um círculo de amigos de que nunca se separava. Na primavera de 1937, quando ambas fizeram 16 anos e Kate passara de engraçada a deslumbrante, as fileiras do seu pequeno grupo tinham-se aberto, para incluir a maioria dos rapazes de Haybourne e alguns da aldeia vizinha de Saint Mawgan.

— Se a Sra. Moss não quer que ninguém fale acerca dela, não devia ser tão intrometida — realçou Kate a Louise. — E não vou admitir que a defendas.

Louise apertou os lábios e dirigiu à prima um pequeno sorriso.

— Ótimo. Então — disse Kate, abrindo as mãos sobre o balcão da loja —, o que vais fazer na sexta-feira à tarde?

Louise pestanejou algumas vezes perante a pergunta improvável.

— O que faço todas as sextas-feiras... vou fechar a loja.

Kate suspirou.

— E depois de a loja fechar, às cinco?

— A contabilidade.

Kate rodou o livro-razão para ficar de frente para ela e deslizou o dedo por uma coluna de números.

— Parece que estás bastante adiantada esta semana.

— Vais molhá-lo. — Louise agarrou no livro, roubando-o ao aperto dos dedos da prima, fechou-o abruptamente e enfiou-o debaixo do balcão.

— Vá lá, querida — disse Kate.

— Tens de parar de chamar «querida» a toda a gente, Kate. Soas ridícula.

— É o que fazem todas as estrelas de cinema.

— Estrelas de cinema *americanas*. Não as miúdas que nunca puseram um pé fora da Cornualha.

Kate girou sobre si mesma e deitou-se sobre o balcão, fazendo o cabelo louro cair em espessas ondas sobre a madeira envernizada.

— Céus, o que eu não daria para estar em Hollywood. — Voltou a virar-se e fitou Louise de frente. — Não chegaste a responder à minha pergunta.

— E qual era mesmo a pergunta?

— O que vais fazer depois de terminares a contabilidade? Algo que claramente já começaste.

— Suponho que vou para casa jantar com os meus pais — disse Louise, com um encolher de ombros. Soava tão desinspirado quanto lhe parecia.

Kate exibiu-lhe um sorriso.

— Vem comigo ao baile.

— Oh, não posso — disse Louise de imediato.

— Nem sequer sabes onde é que eu quero ir.

Louise não tinha de saber. Onde quer que fosse, podia ter a certeza de que Kate iria entrar de cabeça erguida, e ver-se-ia imediatamente rodeada de homens. Um iria querer acender-lhe o cigarro, dois

empurrar-se-iam para lhe ir buscar uma bebida e quatro lutariam entre eles para terem a honra de ser os primeiros a levá-la para dançar, exibindo-se num *foxtrot* fingido dançado com uma rapariga imaginária nos braços. E durante todo esse tempo, Louise manter-se-ia de pé, com as mãos entrelaçadas atrás das costas, demasiado tímida para iniciar uma conversa e sentindo-se ridícula por desejar querer fazer parte daquele grupo.

Provavelmente, Louise não devia sentir rancor por a sua prima ter tal facilidade com os homens, mas era impossível. Extremamente simpática, Kate reventaria de felicidade se algum dos seus admiradores engraçasse com Louise. Mas a prima jamais conseguiria compreender como seria viver uma vida sem que todas as portas se lhe abrissem. Se Kate quisesse, os seus pés jamais tocariam no chão.

Louise, por outro lado, estava decididamente presa à terra. Durante toda a sua vida fora-lhe dito que era calma, reservada, *pequena*, até ao dia em que se tornou impossível imaginar como é que todas essas coisas poderiam não ser verdadeiras.

— Não preciso de saber onde queres ir — disse Louise, varrendo grãos de açúcar imaginários da balança com um pano. — Sei apenas que me vou aborrecer.

Kate franziu o sobrolho.

— Não sejas tão desmancha-prazeres. É só um baile. Um baile de São Valentim.

— Eu não danço — disse Louise.

Kate deu uma gargalhada.

— Sei que isso não é verdade. Já te vi valsar antes. És bastante boa.

— Com o teu irmão. Não se pode considerar entusiasmante.

— Isso é porque ainda não tiveste oportunidade de dançar com o parceiro certo — disse Kate com um sorriso. — Vem comigo.

Louise abanou a cabeça, erguendo a mão para afastar uma das travessas de plástico com um padrão de casca de tartaruga que ameaçava deslizar do seu cabelo.

— Vá lá!

Louise semicerrou os olhos.

— Porque é que estás a ser tão insistente?

— Porque mereces divertir-te um pouco, querida. — Kate baixou o olhar. — E a minha mãe disse que eu só podia ir se tu fosses.

— Porquê? — perguntou Louise desconfiada.

Kate suspirou.

— Oh, vá-se lá saber...

— Kate...

A prima bufou.

— A Sra. Lovell viu a Geri Parker a beijar um avião na estrada de Trebelzue no sábado passado. Agora, a minha mãe não me deixa ir a lado nenhum com a Geri nem com mais ninguém. Diz que o meu discernimento está comprometido.

— E está? — perguntou Louise.

Kate ergueu o nariz e, com altivez, disse:

— Posso beijar os rapazes, mas se eles pensam que vai haver mais alguma coisa, estão muitíssimo enganados.

— E porque serei eu aceitável para a tia Claire? — perguntou Louise.

— Porque tu és tu. — Kate encolheu os ombros.

Porque todos sabem que eu jamais faria algo tão arrojado quanto beijar um avião numa estrada, à vista sabe-se lá de quem.

Aquele pensamento era absolutamente deprimente.

— Então, está bem.

Kate ergueu o olhar, sobressaltada.

— O quê?

Louise amachucou o pano que tinha estado a apertar e atirou-o para o balcão.

— Está bem, vamos. Onde é que é?

— No salão da aldeia, em Saint Mawgan. Oh, querida, não te vais arrependers nem um bocadinho! — disse de rompante a prima.

— Saint Mawgan? Vamos ter de ir de autocarro — disse Louise.

— Será melhor irmos de bicicleta — disse Kate com grande autoridade. — Pelo menos se não estiver a chover. Assim não teremos de ficar em pé, na paragem do autocarro, durante uma eternidade. Podemos vir embora quando quisermos.

— E ficamos tanto tempo quanto quisermos?

— Exatamente. Agora, o que é que vais vestir?

Louise voltou a empurrar a travessa errante para o seu devido lugar.

— Na verdade, não sei. O meu vestido de lã verde talvez seja a melhor hipótese.

Kate torceu o nariz.

— Foi o que vestiste no concerto no salão da aldeia há dois meses. E por essa altura já tinha cinco centímetros a menos na bainha.

— Tenho 19 anos. Duvido que tenha crescido desde então. Além disso, quantas pessoas de Haybourne lá estarão para se aperceberem de que já o vesti? E será que alguma delas se importa? — perguntou.

— Não, mas estarão lá aviadores.

— Que passarão toda a noite a olhar para *ti*.

— Não sejas tonta — disse Kate. — Prometo-te mais parceiros do que aqueles com quem conseguirás dançar.

Louise deu uma gargalhada, sabendo muito bem que a prima estava apenas a ser simpática.

Mas se estava à espera de que Kate cedesse, estava muitíssimo enganada. Em vez disso, Kate estalou os dedos.

— É isso que vamos fazer.

— O quê?

— Arranjar-te um aviador.

— Não quero nenhum aviador. — Mas era demasiado tarde. Louise conseguia perceber que a ideia já se havia enraizado na mente de Kate e que seria, sem dúvida, impossível afastá-la.

— Vem ter a minha casa às seis, na sexta-feira. Podes usar o meu vestido de crepe vermelho com os botões à frente. Vai ficar-te muito melhor a ti do que me fica a mim. O meu peito cresceu demasiado para ele nos últimos tempos.

Sabendo que continuar a discutir seria em vão, Louise deixou pender os ombros enquanto a prima enfiava o cabelo debaixo do chapéu e abotoava a gabardina.

Girando os dedos no ar, Kate guinchou:

— Vamos arranjar-te um piloto, querida.

Louise deu uma gargalhada e um suspiro. Sexta-feira ia ser uma noite muito longa.

Louise ergueu o ferrolho do portão do jardim e apressou-se debaixo de chuva até à porta da frente. De ambos os lados, o chão estava frio e praticamente nu, com exceção do ponto onde o seu pai havia erigido uma sombrela para proteger os vegetais no inverno. Escavar o jardim da frente da família fora a primeira grande batalha da guerra dos seus pais dentro da guerra. A mãe, orgulhosa da sua casa e muitíssimo consciente da imagem que a fachada transmitia ao resto da vizinhança, não compreendera a necessidade de arrancar as rosas, os gerânios e os hissopos pela raiz. O pai, que nunca fora um ávido jardineiro, enlouqueceu subitamente, comprando sementes de vários vegetais e insistindo, com grande autoridade, que o jardim das traseiras, virado para o mar aberto, era demasiado agreste para cultivar comida suficiente em caso de racionamento. A discussão foi finalmente ganha num dia de primavera quando Louise regressou de um passeio de bicicleta e depa-rou com o pai de joelhos, na lama, a arrancar as plantas que acabavam de florescer, enquanto a mãe espreitava à janela da frente, de braços cruzados e com uma expressão pálida.

O pai, ao que parecia, tinha razão, apercebeu-se Louise quando entrou em casa. Agora, passado um ano de racionamento e bem avançados na guerra, ninguém sabia qual seria o seu alcance nem quando terminaria. Ainda assim, Louise duvidava de que o facto de todos os outros jardins da rua terem sido entregues aos vegetais, num esforço para «cavar para a vitória», servisse de conforto à mãe.

— Louise, és tu? — chamou a mãe a partir da cozinha.

— Sim, mãe — gritou Louise, tirando a gabardina e sentando-se nas escadas para descalçar as galochas.

— Não tragas demasiada lama para dentro de casa. Já limpei o chão depois de o teu pai ter entrado.

Louise baixou os olhos para a espessa camada de terra que envolvia a galocha que tinha na mão. Retirando a outra galocha tão

cuidadosamente quanto conseguia, dirigiu-se até ao armário do corredor em bicos de pés, nas espessas meias que envergava para proteger as suas preciosas meias de vidro, e retirou a esfregona. Ainda estava húmida da sua última utilização.

Regressando à porta da frente, limpou o chão enquanto o pai espreitava pela porta da sala de estar.

— Estás em casa — disse ele. — O dia na loja correu bem?

Ela encolheu os ombros, limpando a sujidade.

— Não apareceu quase ninguém.

Ele resmungou e depois afastou-se, sentindo-se mais feliz sentado na sua habitual cadeira de braços até a refeição estar sobre a mesa. Decerto teria na mão o jornal e estaria a traçar no enorme atlas o novo movimento das tropas que tinha sido relatado, como sempre fazia depois de regressar a casa do seu emprego como chefe dos correios locais. Ela sabia que ele se sentia excluído daquela guerra, pois tinha combatido na última mas já era demasiado velho para ser útil desta vez.

No piso de cima, no seu quarto, Louise escovou o cabelo e recolocou a travessa, na esperança de que fosse a última vez — a travessa que não parara de deslizar durante todo o dia. Olhando para o espelho, apercebeu-se de que o postal que prendera na simples moldura de madeira deslizara, assumindo uma posição invulgar, uma falha no seu quarto normalmente arrumado. Voltou a centrá-lo, deslizando os dedos pelas filas impressas de laranjeiras de tons quebradiços, cintilantes sob o sol da Califórnia. Comprara o postal por três *pence* numa loja de artigos em segunda mão em Saint Ives, para onde ela e Kate se haviam escapulado quando tinham 15 anos. A mãe achava as lojas de artigos em segunda mão vulgares, e, nessa altura, entrar numa parecera-lhe o auge da rebelião. Kate, obcecada com Hollywood, levou consigo inúmeras imagens publicitárias recortadas de uma revista e coladas em pedaços de cartão. Mas o encanto do *glamour* não captara a atenção de Louise como a promessa de um dia quente da Califórnia e das suas montanhas altas tão diferentes do que a pequena e acanhada Haybourne tinha para oferecer.

No piso de baixo, Louise pusera a mesa como fazia todas as noites. Colher, faca, prato, garfo, guardanapo dobrado uma vez, duas vezes, três vezes, copo de água. Por vezes, o pai bebia um copo de whisky em frente à lareira, mas só depois de jantar. A mãe raramente se juntava a ele no consumo de álcool, com exceção de quando havia convidados em casa. Nessas alturas, bebia um pouco de xerez, «para não parecer mal».

O jantar chegou à mesa precisamente quando o relógio sobre a cornija da lareira da sala de estar anunciava as 19 horas. A mãe de Louise pousou à frente do pai uma caçarola que, devido ao racionamento, continha mais vegetais do que carne, e ele pegou na colher e começou a servir-se, tal como fazia todas as noites. Havia algo de tão infalivelmente normal em relação a todo aquele ritual. Lá fora, no resto da Grã-Bretanha, as famílias poderiam estar a transportar as suas roupas de cama para abrigos contra os raids aéreos ou a lutar contra o medo constante de uma invasão, mas ali, na casa dos Keenes, o tempo «marchava» quase sem ser interrompido pela guerra.

Louise concentrou o olhar numa ténue mancha de molho na outrora impecável toalha de mesa branca da mãe, utilizando toda a sua energia para reprimir o impulso de gritar, correr, fazer *qualquer coisa* de inesperado.

— Por favor, passa-me o puré de batata, querida — disse a mãe com a sua voz enganadoramente suave.

Louise descerrou os punhos, que pousara no colo, para entregar à mãe a tigela quente com um padrão azul e branco.

— A Sra. Moss passou por aqui esta tarde para beber uma chávena de chá — disse a mãe de Louise. — Referiu que tinha passado pela loja.

O ténue tom de desaprovação perante a ideia de a filha trabalhar numa loja era inconfundível, mas havia pouco que Rose Keene pudesse fazer, dado que Louise tinha o apoio do pai. Essa batalha tinha sido travada há mais de três anos, quando Louise fizera 16 anos e ainda estava a recuperar da notícia de que os pais achavam que a sugestão da diretora da escola para se candidatar à faculdade, ao curso de Matemática, era uma enorme perda de tempo e de dinheiro.

— A Sra. Moss referiu uma qualquer confusão em relação aos seus cadernos de senhas de racionamento. Ao que parece, um deles foi emitido sem todas as senhas — disse a mãe.

— Isso parece pouco provável — disse o pai de Louise.

— Foi o que ela disse — afirmou a mãe.

Os olhares do pai e da filha cruzaram-se por um instante antes de voltarem a deslizar para os seus pratos.

— Ela também disse que o Gary perguntou por ti na sua última carta. Já lhe escreveste esta semana? — perguntou-lhe a mãe.

— Não tive tempo — disse Louise, enquanto cortava um pedaço de pastinaca em dois.

Na verdade, Louise não queria escrever a Gary. O que dizer a um rapaz que a levava a dançar uma vez e ao cinema duas vezes, mas que parecia ter pouco interesse nela? As cartas de Gary eram educadas, mas pouco inspiradas, como se ele quisesse escrever uma dessas cartas do campo de batalha tão pouco quanto ela as queria receber.

— Assegura-te de que arranjas tempo — disse a mãe, com o seu tom de voz demasiado polido. — Bons jovens como o Gary Moss não abundam em Haybourne. Se fores esperta, ele há de regressar e pedir-te em casamento. Ele tem grandes perspectivas quanto ao seu futuro, pois um dia assumirá o negócio do pai.

— Deixa a rapariga em paz, Rose — disse o pai.

— Arthur..

— Ele está a travar uma guerra, não foi a uma festa num jardim. A Louise não pode depositar todas as suas esperanças nele, ainda que ele consiga regressar.

— Que coisa mais horrível de se dizer — disse a mãe.

O pai encolheu os ombros.

— É verdade. Ninguém sabe quem sobreviverá à guerra.

A mãe resmungou.

— Bem, quanto a mim, não consigo perceber porque é que não mandam mais soldados de uma vez e despacham isto.

— Talvez devesse dizer isso aos generais — disse o pai de Louise com uma gargalhada.

— Talvez devesse. É realmente uma desgraça. Pensa em todas as raparigas que ficam para trás, como a pobre Louise.

Louise apertou fortemente as suas coxas com os dedos quando o familiar impulso para gritar ressurgiu. *Pobre Louise*. Era isso que ela era ali. Tudo o que alguma vez seria. Tinha de arranjar uma maneira de deixar Haybourne e aquela casa onde o futuro estava alinhado correta e ordeiramente e se apresentava inevitável sem uma palavra dela.

— A Kate quer que eu vá com ela a um baile em Saint Mawgan na sexta-feira — disse Louise, na esperança de que a mudança de assunto ajudasse a impedir que a mãe insistisse mais em relação a Gary.

— Saint Mawgan? — disse a mãe. — Mas isso é a duas aldeias daqui.

— Iremos nas nossas bicicletas. São mais fiáveis do que o autocarro — disse Louise.

— Quem é que foi convidado? — perguntou a mãe, desconfiada. — Estarão lá elementos das Forças Armadas?

— Claro que sim — interrompeu o pai. — Todo o país está repleto deles.

— Não sei se isso será completamente adequado — disse a mãe.

O pai ergueu as sobranceiras.

— Conhecemo-nos num chá-dançante. Foi apropriado o suficiente para ti?

A mãe de Louise abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Nunca falava daquilo, mas, ao longo dos anos, Louise conseguira reunir pormenores suficientes para conhecer a história. Rose Wilde, filha de um pescador local, fora ao baile com o seu único bom vestido. O pai, o mais recente chefe dos correios de Haybourne, chamara-lhe a atenção. Tinham dançado toda a noite e, três meses depois, estavam casados. Louise sempre pensara que os pais tinham casado em agosto, mas, certa vez, quando o pai bebera três whiskys em vez de um, deixara escapar que, na verdade, deveriam celebrar o aniversário no início de outubro. Louise nascera sete meses depois, no dia 8 de maio.

— Só acho que, com o Gary em serviço, a Louise podia mostrar alguma deferência...

— Ela tem 19 anos — interrompeu o pai. — Quer sair e divertir-se um pouco com a prima.

— A Kate convidou-me esta tarde. Ainda não falei com mais ninguém acerca disso e não sei quem mais lá estará — disse Louise, tentando acalmar a tensão na sala.

— Vai — disse o pai, antes que a mãe pudesse voltar a objetar. — Diverte-te.

O resto da refeição decorreu num silêncio tenso, a mãe castigando o pai por ter ignorado as suas objeções, e o pai, sem dúvida, apreciando uma boa refeição sem as interrupções e observações constantes de uma esposa difícil.

Louise limpou o último prato do jantar e pousou-o no armário à direita do lava-louça. Estava a dobrar a toalha da louça quando o pai entrou na cozinha.

— Este aqui precisa de uma limpeza — disse ele, erguendo um copo. Louise pegou nele, limpando-o por dentro e por fora.

— Obrigado, Lou Lou.

— Não tem de quê, papá — disse ela, utilizando o nome carinhoso que utilizara para o pai até ter feito 5 anos e a mãe ter decidido que não era adequado.

Quando já estava de saída da cozinha, olhou para trás, por cima do ombro.

— Em relação a este baile, queres ir?

Ela encolheu um ombro.

— A Kate quer que eu vá.

— Não é o mesmo que tu quereres ir.

— Por vezes, quando a Kate insiste, sinto que deveria ser — disse ela.

Ele sorriu.

— Suponho que será algo diferente — disse ela com um suspiro.

— Sabes o que penso, Lou Lou? Devias ir e dançar com todos os homens que te convidarem.

— E se não me convidarem? — O tom poderia ser ligeiro, mas não havia como ignorar o pequeno estremecimento na sua voz.

O pai estendeu o braço e acariciou uma madeixa do seu cabelo com gentileza.

— Vão convidar. Se os deixares.

Ela observou-o a afastar-se e tocou na travessa, não se importando que esta tivesse voltado a deslizar.

13 de fevereiro de 1941

Os Spitfires estão a voar de novo hoje. Consigo vê-los da minha secretária, onde escrevo isto, mas é impossível perceber se estão em exercícios ou a patrulhar à procura de submarinos.

É estranho pensar que, em tão pouco tempo, tenhamos todos aprendido quão diferentes soam os motores e sejamos todos capazes de distinguir um bombardeiro ou um Spitfire. As crianças que brincam nas ruas continuam a erguer o olhar para eles ou a perseguir os aviões ao longo da rua, mas os restantes quase não param o que estão a fazer. O papá diz que as pessoas conseguem habituar-se a tudo, e eu acredito nele. Temos as máscaras de gás penduradas em ganchos junto à porta, meio esquecidas, embora, por vezes, pareça que toda a aldeia partiu para lutar.

Não devíamos ser tão complacentes, acreditando que estamos em segurança. Saint Eval foi atingida várias vezes no verão passado. O pior ocorreu em agosto. Do meu quarto era possível ver as chamas quando os alemães atingiram uma das lojas de pirotecnia. A Betsy, que trabalha perto da base, disse que parece que ainda estão a reparar os danos feitos aos hangares durante o ataque de outubro. Perguntei-lhe se a incomoda estar tão perto de um local que a Luftwaffe⁴ está a tentar bombardear, mas ela limitou-se a encolher os ombros e disse-me que não era nada, quando comparado com o que aquelas pobres pessoas em Londres estão a sentir no Blitz.

⁴ Força Aérea Alemã. [N. T.]

Por vezes, pergunto-me se não devíamos ser um pouco mais como a minha mãe. Ela era capaz de combater sozinha contra todo o Exército Alemão, nem que fosse por causa do racionamento do chá, do açúcar e da manteiga. Ela diz que quando os ovos desaparecerem, será o início do fim. Para já, não são racionados, mas é tão difícil encontrá-los que ouvimos dizer que o Sr. Nance, da quinta Bolventor, passou a trancar o galinheiro à noite e a manter-se de guarda numa janela da quinta de caçadeira na mão, para o caso de alguém os ir roubar.

Perguntei ao papá porque é que a mãe está tão aborrecida com os racionamentos, e ele disse que se deve ao facto de ela se lembrar de que o mesmo aconteceu depois da última guerra, e que isso a faz pensar no irmão mais velho que morreu. É estranho pensar que tive um tio Monty que nunca conheci e cujo rosto conheço apenas porque a minha mãe mantém uma fotografia em cima do piano, numa moldura de prata a que ela puxa o lustro todos os sábados.

A única coisa que não somos capazes de ignorar mesmo na nossa pequena aldeia adormecida são os soldados. Correm rumores de que mal os americanos se juntem à guerra — se Deus quiser —, percorrerão em filas de quatro homens as ruas de todas as cidades de Saint Eval a Saint Ives. Mas até lá, são apenas os nossos rapazes. Um camião pintado de verde-azeitona e coberto com uma lona percorreu hoje a rua principal. Saí disparada da loja mesmo a tempo de vislumbrar um dos soldados que iam na traseira aberta do camião. Não eram de todo como os homens que vemos nas notícias, todos bem lavados, de faces rosadas e a piscarem um olho às raparigas. Estes fitavam o vazio, sem nos verem, embora os rapazes da Sra. Latimer tenham corrido atrás deles, gritando e tentando conquistar um aceno.

É claro que os homens de uniforme são um tópico de grande interesse entre as minhas amigas. Podemos já ter deixado a escola, mas elas continuam a rir-se e a tagarelar e a retocar o batom como meninas de escola sempre que acham que um militar está por perto.

A Kate não é capaz de conter a sua excitação em relação ao baile de amanhã. Por vezes, apercebo-me de que as pessoas estão a tentar

perceber como é que nos podemos tornar tão próximas quando somos tão diferentes. Loura e morena. Fervilhante e tímida. Alta e baixa.

A Mary Hawklely perguntou-me, certa vez, como é que eu suportava estar perto da Kate, sendo ela tão popular. «Não ficas devastada por todos os rapazes falarem com ela?» Mas depois parou e deu uma gargalhada. «Ainda bem que tens o Gary, não é?»

Afastou-se, esvoaçante, antes que eu pudesse dizer alguma coisa.

Um diário esquecido traz à tona uma história de resiliência e de coragem.

Ao analisar os bens de uma herança numa grandiosa propriedade, Cara Hargraves encontra uma caixa antiga que guarda relíquias de uma relação amorosa perdida no tempo: um diário da época da Segunda Guerra e uma fotografia de uma jovem fardada com um uniforme que Cara reconhece por também a sua avó o ter usado. Fascinada pela história inacabada do diário, Cara inicia uma demanda para encontrar a sua autora, uma busca que, inesperadamente, acabará por revelar alguns segredos da sua própria família.

Em 1941, Louise Keene já tem o futuro decidido pelos seus pais. Na aldeia da Cornualha onde vive, irá aguardar pelo regresso da guerra de um dos rapazes mais cobiçados da terra, que a pedirá em casamento. Contudo, tudo muda quando Louise conhece o tenente-aviador Paul Bolton, um piloto da Força Aérea Britânica destacado numa base local.

Quando a unidade de Paul é transferida, Louise decide dar um outro propósito à sua vida e junta-se ao ramo feminino do Exército Britânico na unidade de baterias antiaéreas. Enquanto as bombas dizimam Londres, ela apoia-se na amizade das colegas artilheiras e na esperança de se juntar a Paul no final da guerra. Mas um romance tão conturbado pode ter um lado muito sombrio...

«Julia Kelly é exímia no equilíbrio entre intriga, mistério e pormenor histórico. Uma encantadora narrativa fantasiada sobre as bravas artilheiras.»

Kirkus Reviews

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-434-6  9 789895 644346 Romance Histórico
--	---